

15 – PE. PAULO LEANDRO GÓIS

* Itabaiana-Sergipe: 28-06-1916
(79 anos)

† Recife-Pernambuco: 09-04-1995

Pe. Paulo Leandro Góis era irmão do Pe. Antônio José Góis, apóstolo dos Yanomami do Rio Mataurá.

Filho de Valentim José Góis a Genoveva Maria do Sacramento, nasceu aos 28 de junho de 1916 em Itabaiana, Sergipe.

Entrou no aspirantado de Jaboatão, onde à sombra do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora fez o curso ginasial. Na mesma casa fez o noviciado, coroando-o com a primeira profissão aos 28 de janeiro de 1934, ano da canonização de Dom Bosco. Na mesma casa fez o curso filosófico, sendo ao mesmo tempo professor dos aspirantes.

Em abril de 1938, fez parte dos salesianos que abriram a casa de Cajazeiras, na Paraíba.

Foi meu colega no estudantado teológico quando, ele aos domingos, ia ao oratório da paróquia Santa Teresinha.

Ordenou-se sacerdote aos 8 de dezembro de 1943.

Uma vez ordenado, desenvolveu seu ministério em várias casas da Inspetoria de Recife. Depois veio trabalhar na então Prelazia de Porto Velho, campo santificado pelo heroísmo de tantos nossos irmãos, que regaram com seu suor o trabalho apostólico.

No tempo em que trabalhou na Prelazia de Porto Velho, distinguiu-se “como missionário do mato”.

Preferiu sempre trabalhar no interior ao rio, “preferiu sempre o chão ao rio”.

Aproveitava toda carona: caminhão, carro, cavalo, bicicleta. Desenvolveu um trabalho apostólico admirável: catequizando, instruindo, educando, corrigindo os abusos. Piedoso e amigo de todos. Anotava e registrava escrupulosamente o seu trabalho apostólico, e outros acontecimentos, dignos de serem conhecidos.

Padre benemérito, piedoso, fazendo bem a todos, sendo grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora e de Dom Bosco.

Na Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, Pe. Paulo viveu de 1955 a 1975. Seu campo de trabalho foi Rondônia.

Como missionário itinerante, bem ao gosto de sua missão de andarilho. Entrou em contato com a mais variada cultura, visitando os casebres. Para todos tinha uma palavra de resposta às suas inquietações e ansiedades. Era sempre uma presença bem esperada em qualquer lugar. No cumprimento do seu dever, não media sacrifícios, para chegar aos mais necessitados. Com o sol e com a chuva, com seu terço na mão.

A comunidade de Porto Velho, era uma comunidade singular. Muito distante da sede inspetorial, comunicações raras, lentas. Pois bem, enquanto viveu Pe. Paulo foi sempre o indispensável elo de união e de animação que nos impressionava: "Ad meliora cotidie".

Conhecia bem a história de Juazeiro e do Pe. Cícero, e falandole, dizia que era um padre zeloso, apostólico, amigo dos pobres e devoto de Nossa Senhora das Dores. Às vezes, porém, se deixava influenciar pelos políticos.

Nas conversas, às vezes dava uma pequena gargalhada, que tornava a conversa mais amena.

Nos três meses que ficou na casa Inspetorial de São Paulo para tratamento de saúde, saía a pé, sem incomodar a ninguém. Falava pouco, porque não conhecia quase ninguém do tempo dele na Lapa. Deu provas de praticar a pobreza até ao extremo.

Uma vez, quando ia celebrar a Santa Missa, ouviu tocar uma melodia do Natal e deixou escapar esta frase: Esta melodia me fez celebrar a Santa Missa com maior fervor.

Era muito piedoso e às vezes até escrupuloso, chegando às vezes, quando rezava a Missa sozinho, a repetir as palavras da consagração. Meticuloso, fazendo questão de não incomodar a ninguém. Trabalhador e de bom espírito.

Na última vez que conversei com ele em São Paulo, foi em abril de 1994, quando ele estava em São Paulo, na casa inspetorial, doente. Conversando comigo, me fez várias perguntas sobre os lugares por ele percorridos na então Prelazia de Porto Velho, relembrando algumas pessoas mais conhecidas.

Era domingo de Ramos de 1995, quando a liturgia da Igreja nos introduzia na contemplação do mistério da Paixão, da

Morte e Ressurreição de Cristo. Como o Apóstolo São Paulo, o nosso irmão Paulo, por sua vocação acostumado ao sofrimento trazia em seu corpo sinais evidentes da Paixão de Cristo.

Por volta, da meia-noite do dia 8 para 9 de abril de 1995, reproduzia-se entre nós a cena do Evangelho.

Dom João Batista Costa, emérito de Porto Velho, que o conheceu durante 20 anos, disse que Pe. Paulo foi um sacerdote que não deu trabalho nem ao prelado nem ao superior religioso. Sempre na linha do bom exemplo.

“Sacerdote de Deus e do povo,
Enviado aos jovens e pobres,
Buscava unicamente as almas,
Sempre em longas caminhadas.”

Mais um herói que se vai, deixando-nos saudade!